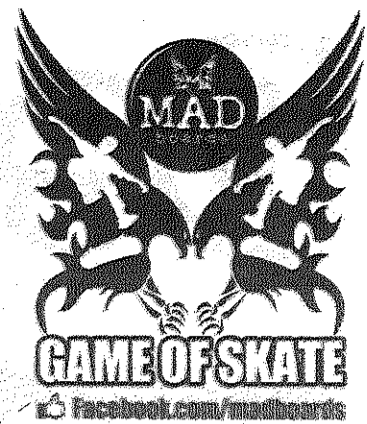




Infinitas rimas por segundo. Emicida



Quem segura?

Cria da zona norte de São Paulo, Emicida cresceu ouvindo rap em casa. Mas a caminhada que o levaria de fã a ídolo do gênero começou a ser construída quando mandou suas primeiras rimas nas batalhas de freestyle (rimas de improviso) da capital paulista.

O talento fez com que se destacasse e logo se tornou um nome conhecido na cena paulista. Em 2008, já com algumas composições guardadas, resolveu lançar a primeira: o single "Triunfo" ganhou as ruas, e estava dado o primeiro passo de uma trajetória que poucos anos depois levaria o MC mundo afora.

Em 2009, veio a primeira mixtape, "Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida Até que eu Cheguei Longe". Embalado pelo sucesso de "Triunfo", prensado em esquema caseiro e comercializado a R\$ 2, o trabalho vendeu em poucos meses mais de 10 mil cópias. Assim, fez o nome do MC correr todo o Brasil, estampando páginas dos principais jornais e revistas do país. No mesmo ano, Emicida levou seu rap a programas de TV como "Altas Horas" e "Programa do Jô", entre muitos outros.

Semana passada, no dia 21 de agosto colocou na rua seu esperado álbum de estreia, o primeiro disco oficial após duas mixtapes e dois EPs. "O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui" foi lançado pra audição no YouTube, acompanhado de documentário com imagens das gravações.

O rapper faz show na Jornight, sexta-feira, e participa do Palco de debates sobre a feitura das ruas junto com Alejandro Reyes e Sérgio Laz no sábado às 14h. Trocamos uma ideia com o cara sobre Rap, novo CD, poesia e o que ele espera encontrar na Jornada, confere aí:

Caderno Averso: O Rap saiu da rua e foi para a TV, pra rádio, pra casa de muita gente. Você acha que ainda existe preconceito com esse estilo de música e mais, com o estilo de vida?

Emicida: Sem dúvida, preconceito fruto da ignorância de muitos com relação ao que é o hip hop em sua essência. Ainda há muita gente achando que é um absurdo o rap ir a TV porque "é música de bandido, de favelado". Pensamento pequeno e que nos entristece, mas temos causas maiores para nos preocuparmos. Nossa história fala por nós.

C.A.: Há uma vertente do Rap que fala mais de glamour e ostentação. Pra muita gente isso não passa "verdade". O que você pensa desses temas abordados nas músicas?

Emicida: Eu penso que todos são livres para cantar o que desejam. Música permite liberdade poética. Não serei eu a censurar alguém por abordar determinado tema em uma canção. A favela pode querer bons carros, mansões, cordões de ouro. Por que não?

C.A.: Como foi o lançamento do novo CD?

Emicida: Foi maravilhoso, está sendo, é só o começo. Nos preparamos e nos dedicamos tanto e ouvir das pessoas que elas se identificaram com essa ou aquela música pelas mais variadas razões faz valer a pena.

C.A.: A realidade das ruas vira música e poesia, como está a expectativa de estar ao lado de tantos

autores nacionais e internacionais em Passo Fundo?

Emicida: Ótima. A literatura sempre me inspirou e inspira cada vez mais e cada vez mais penso em lançar alguma obra. Eu não poderia estar em um ambiente mais agradável, estou ansioso para trocar ideias por aí.

C.A.: O que o Emicida vai trazer para a Jornada?

Emicida: Levo um show especial, com sucessos de toda a minha trajetória e quem sabe alguma coisa do disco novo. Estaremos com banda, em um formato inédito e muito animados a fazer uma grande apresentação.